

Política ecológica divide ambientalistas brasileiros

Uma discussão que parecia ainda distante da nossa realidade, confinada a discursos teóricos em encontros internacionais, vem à tona com ares de fuxico político através das divergências entre os secretários especiais de Meio Ambiente, José Lutzenberger, e Ciência e Tecnologia, José Goldemberg.

Para Goldemberg, uma "questão de estilo". Na verdade, duas visões opostas sobre um complexo problema que está dividindo o movimento ambientalista global e que promete ser a discussão da década, em todo o mundo. Embora os dois defendam a manutenção da ecologia do país, Lutzenberger prioriza a preservação da natureza, enquanto Goldemberg privilegia a ótica desenvolvimentista.

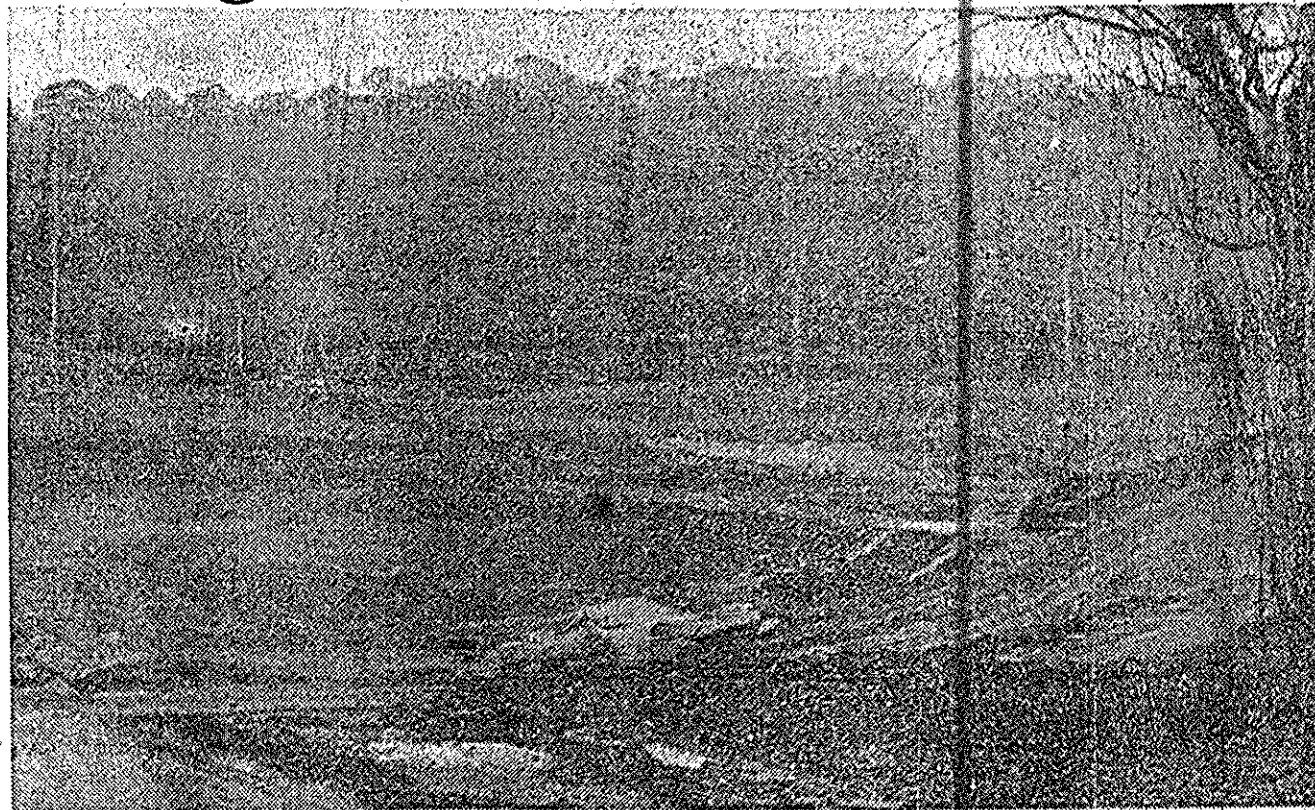
Entre os ambientalistas brasileiros, a opção pelo preservacionismo não significa, necessariamente, um voto de confiança em Lutzenberger. "Em vez de demitir Werner Zulauf da presidência do Ibama, por não gostar do Projeto Floram — pivô do afastamento —, ele deveria discutir com a comunidade científica", queixa-se o geógrafo Orlando Valverde, presidente da Campanha Nacional de Defesa e Desenvolvimento da Amazônia, CNDDA. Já o presidente do PV, Fernando Gabeira, reclama um projeto global do governo para o setor, que possa ser discutido por todos.

Mas nem sempre as linhas que delimitam as duas correntes são absolutamente claras. Mesmo porque a discussão é recente, até entre ambientalistas dos países desenvolvidos. A presidente da organização ambientalista Apende, do Rio de Janeiro, Fernanda Colagrossi, que "assina abaixo" de todas as propostas de Lutzenberger, reluta em se colocar ao lado de Gabeira, que também considera correto o posicionamento do secretário de Meio Ambiente.

O veterano Alceo Magnanini, vice-presidente da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, FBCN, não acredita em desenvolvimento sem permanência, em crescimento sem objetividade. "No Brasil, desde Juscelino, o lema do governo sempre foi em cima do desenvolvimento. Mas desenvolver para quê? Para ser a primeira economia massacrada do capitalismo selvagem?", questiona.

Lembrando que os recursos do planeta Terra são finitos, Magnanini acha que, se for preciso limitar o crescimento, isso deve ser feito. Ele critica a falta de planejamento do Brasil, que executa às pressas obras faraônicas, "que geram problemas faraônicos", porque o dinheiro emprestado pelos bancos deve ser empregado rapidamente. "Banqueiros não são patriotas, são banqueiros, emprestam a juros para multiplicar seu capital. Todos os países querem entrar no time do Primeiro Mundo. Mas a taxa de suicídio nos países desenvolvidos é muito maior do que no Nordeste do Brasil", alerta ele, defendendo mais uma vez a qualidade de vida que, em sua opinião, pode ser conseguida através de tecnologias alternativas, como a energia solar.

Falando pela CNDDA, uma entidade não governamental que tem defesa e desen-



Projeto Grande Carajás



"O Floram é uma espécie de recomposição da natureza degradada, mas reservando espaço para o homem."

Aziz Ab'Saber



"A divergência é uma coisa natural, mas tem que haver debate porque são interesses fundamentais para o país."

Orlando Valverde

volvimento no nome, sua secretária-geral, geógrafa Irene Garrido Filha, diz que as duas coisas devem ser interdependentes e entrelaçadas. "Há que se desenvolver, com grande preocupação em conservar a natureza", diz ela, aproximando-se da tese do desenvolvimento auto-sustentado, defendido pela Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento, da ONU, que deve nortejar as discussões da conferência internacional sobre o tema, que será realizada no Brasil, em 1992.

Em defesa dessa posição também está a presidente da Fundação Pró-Natureza (Funatura), de Brasília, engenheira agrônoma Maria Tereza Jorge Pádua. "Eu, pessoalmente, tenho a firme convicção que sem desenvolvimento não se faz conservação. Isso é clássico no mundo inteiro", opinou.

As duas principais entidades de defesa de meio ambiente paulistas têm posições divergentes. Enquanto os ecologistas da SOS Mata Atlântica não escondem seu apoio irrestrito às opiniões de Lutzenberger, os representantes da Oikos acham que o grande problema é a falta de transparência sobre as políticas a serem implantadas pelas duas secretarias de governo. Para o conservacionista Hugo Werneck, presidente do Centro para a Conservação da Natureza e membro do Conselho Curador da Fundação Biodiversitas, de Belo Horizonte, desenvolvimento e preservação não são posições antagônicas.

Diferenças à parte para consumo interno, os ecologistas gaúchos representados pela Associação de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan) "estão fechados" com Lutzenberger. "A noção de desenvolvimento que está sendo apregoada pelo go-

verno é falsa. Esses projetos devem estar condicionados ao respeito pela preservação ambiental", proclamou o secretário-geral da Agapan, Guilherme Dorneles. Desenvolvimento, na proposta da Agapan, está ligado à qualidade de vida, coisa que os ecologistas não conseguem ver nos projetos do Executivo.

Em Curitiba, a presidente do Instituto de Estudos Amazônicos, antropóloga Mary Alegretti, considera ultrapassadas as discussões entre desenvolvimentistas e preservacionistas. "Hoje já se entende que a destruição da natureza implica não só no desequilíbrio ecológico, mas também em perda de riqueza". Para ela, Goldemberg e Lutzenberger não têm posições "absolutamente incompatíveis". Apenas o primeiro estaria mais preocupado com respostas tecnológicas claras e objetivas e o segundo com concepções filosóficas.

Os projetos da discórdia

Na prática, o confronto entre preservacionismo e desenvolvimentismo, no Brasil, se coloca sobre alguns grandes projetos, como as usinas guseiras do Projeto Grande Carajás, as hidrelétricas da Amazônia, o projeto Floram — que prevê o plantio de 25 milhões de hectares de florestas em cinco anos —, a BR-364 — rodovia que faria a ligação do Acre com o Pacífico — e a proposta do presidente Collor, apresentada em Washington por Goldemberg, de um imposto internacional sobre a emissão de gases poluentes. Todos combatidos por Lutzenberger e defendidos por Goldemberg.

Não é fácil achar um ambientalista que concorde com os projetos desenvolvimentistas brasileiros, tal como eles se colocam hoje. O mais gritante deles, que provocou até uma ameaça de demissão de Lutzenberger, é o das siderúrgicas de ferro-gusa, que estão devastando a floresta da região de Carajás usada para produzir carvão vegetal.

"É um dos maiores escândalos internacionais, junto com a transmigração maciça na Indonésia, a monocultura de algodão no Sudão e a barragem da Índia", denunciou o verde Gabeira. "Uma loucura monumental, caso de lesa-pátria", acrescenta Alceo Magnanini, da FBCN. Já a CNDDA partiu para a ação e está processando a União, pedindo a desativação pura e simples das siderúrgicas. A SOS Mata Atlântica escreveu a Lutzenberger endossando o pedido, extensivo a uma revisão do programa de implantação das hidrelétricas amazônicas. "Achamos que estas são decisões inadmissíveis para que se possa reorientar a utilização dos recursos naturais na maior floresta tropical do planeta de forma racional e sustentada", explica Rodrigo Mesquita, que preside a entidade.

A Amazônia, vedete das polêmicas ecológicas internacionais, é uma das maiores preocupações dos preservacionistas brasileiros. Mas a presidente da Funatura e ex-diretora do extinto Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), Maria Tereza Pádua, é uma voz discordante. "Os acreanos querem ter asfalto e os nordestinos não pretendem abrir mão de suas geladeiras. Então, não vejo motivo para não se ter estrada ou hidrelétrica", prega ela, alinhando-se a Goldemberg. "É bom deixar muito claro que defendo políticas de conservação de energia e a diversificação, mas sou favorável à energia hidrelétrica. O Brasil tem o terceiro maior potencial hidrelétrico do mundo e a demanda interna tem que ser atendida", afirma.

Magnanini, representando uma posição majoritária entre os militantes do meio ambiente do Brasil, não só não concorda como apresenta uma solução alternativa: a energia solar. "E sabe por que ela não é aproveitada? Porque é impossível fazer a Solarbrás", acusa. "Qualquer um pode ter um aquecedor solar em casa e não vai pagar royalties".

O projeto Floram também divide opiniões. O engenheiro ambiental Werner Zulauf conta que a ideia surgiu em Hamburgo, quando ele e Lutzenberger, que participavam de uma reunião ecológica internacional, foram instigados por um professor da Universidade de Münster a fazer um projeto de reflorestamento que ajudasse a restabelecer o equilíbrio atmosférico.

Zulauf levou a sério a proposta e assumiu o Ibama disposto a implantar o Floram, que desenvolveu junto com o geógrafo Aziz Ab'Saber, da USP. Mas foi demitido por Lutzenberger, que "nem se lembrava" do encontro de Hamburgo, e que acusou o projeto de "favorecer grandes empresários".

Embora o Floram conte com a simpatia de grandes parte dos conservacionistas, grupos ecológicos como o SOS paulista temem que o projeto repita os erros do plano de incentivos fiscais do extinto IBDF, que terminou por desviar recursos para reflorestamentos de baixos rendimentos, além de ter estimulado a substituição indiscriminada de florestas nativas por eucaliptos e pinus.

Preservacionistas mais radicais também temem que a construção da Rodovia 364, nesse momento, estimule o desmatamento, visando o fornecimento de madeiras de qualidade ao Japão. Por motivos diversos, entretanto, a estrada é defendida por outros ambientalistas. Maria Tereza Pádua, por acreditar que a rodovia, em si, trará um prejuízo ecológico muito pequeno. Irene Garrido Filha, por enxergar um surto desenvolvimentista na saída para o Pacífico.

"A exploração da mata amazônica não depende de estrada e já está sendo feita há muito tempo por empresas americanas, japonesas e holandesas", revela Irene. "O Brasil precisa é ter soberania suficiente para impedir que outros países levem suas riquezas", conclui.

Participaram: Margarida Auaran, Maria Lúcia Sigmaringa (São Paulo), Ronaldo Brasilense (Brasília), Fernando Lacerda (Belo Horizonte), Jussara Marchand (Porto Alegre) e Martha Feldens (Curitiba).